

ESTUDO DE PARENTESCO EM UM RITUAL FAMILIAR

PRÁTICA DE UMBANDA FAMILIAR



Rudinei Telier de Freitas

Pelotas-RS

2019

O PARENTESCO EM UM RITUAL FAMILIAR – PRÁTICA DE UMBANDA FAMILIAR

Resumo:

Os estudos que tratam dos valores universais e das dimensões fundamentais do parentesco, que discute sobre as teorias sobre descendência e aliança, e que trata do parentesco como elemento conceitualizador, organizador e gestor das relações sociais, é a assim designada Antropologia da Família e do Parentesco.

Esse trabalho de pesquisa e de observação de campo, consiste em uma análise qualitativa, e de uma observação participante, em uma família social, que estabelecem laços de parentesco da família social, em uma perspectiva a partir de Morgan, Radcliffe-Brown e Levi-Strauss.

Além disso, o foco da observação recairá sobre o ritual associado a uma prática de umbanda pertencente a essa família social. Nesse contexto, busca-se analisar o dinamismo do ritual realizado, configurado a partir de uma abordagem fundamentada nas perspectivas teóricas apresentadas por Victor Turner e Richard Schechner.

Por meio deste estudo etnográfico, será explorado se os conceitos elaborados por Turner, como a liminaridade e as estruturas, têm a capacidade de engendrar momentos que promovem a transgressão da ordem social, considerando suas respectivas definições e implicações no contexto ritualístico observado. O objetivo é compreender como essas dimensões teóricas dialogam diretamente com as práticas religiosas e os processos sociais envolvidos.

Palavras Chaves:

Família; Ritual; Família religiosa

Resumen:

Los estudios que abordan los valores universales y las dimensiones fundamentales del parentesco, que discuten teorías sobre la descendencia y la alianza, y que abordan el parentesco como elemento conceptualizador, organizador y gestor de las relaciones sociales, es la llamada Antropología de la Familia y el Parentesco.

Este trabajo de investigación y observación de campo consiste en un análisis cualitativo y observación participante en una familia social, que establece vínculos de parentesco dentro de la familia social, desde una perspectiva basada en Morgan, Radcliffe-Brown y Levi-Strauss.

Además, el foco de observación estará en el ritual asociado a una práctica de Umbanda perteneciente a esta familia social. En este contexto, buscamos analizar el dinamismo del ritual realizado, configurado desde un enfoque sustentado en las perspectivas teóricas presentadas por Victor Turner y Richard Schechner.

A través de este estudio etnográfico, se explorará si los conceptos elaborados por Turner, como liminalidad y estructuras, tienen la capacidad de engendrar momentos que promuevan la transgresión del orden social, considerando sus respectivas definiciones e implicaciones en el contexto ritualístico observado. El objetivo es comprender cómo estas dimensiones teóricas dialogan directamente con las prácticas religiosas y los procesos sociales involucrados.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
1 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
1,1 - Morgam e a família.....	3
1.1.1 – A família consanguínea.....	5
1.1.2 – A família punaluana.....	5
1.1.3 – A família sindiásmica.....	5
1.1.4 – A família monogâmica.....	6
1.2 - Radcliffe-Brown conceitos básicos.....	6
1.3 – Levi-Strauss e o olhar sobre a família.....	7
1.4 - O Ritual de Victor Turner e Performance de Richard Schechner.....	9
2 - FAMÍLIA SOCIAL X FAMÍLIA RELIGIOSA.....	11
2.1 – Família Africanista no Brasil.....	12
3 – ETNOGRAFANDO A FAMÍLIA UMBANDISTA.....	14
3.1 - Na residência da família Pinho e da família Colares.....	14
3.1.1 – Parentesco Família Pinho e Colares.....	17
III - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
IV - CONCLUSÕES.....	22
V- BIBLIOGRAFIA.....	23

INTRODUÇÃO

Os estudos dedicados à análise dos valores universais e das dimensões fundamentais relacionadas ao parentesco, que abordam as teorias acerca de descendência e aliança, além de explorar o papel do parentesco como um elemento estruturante, organizador e orientador das relações sociais, constituem aquilo que se denomina Antropologia da Família e do Parentesco. Por meio dessa disciplina, busca-se compreender de maneira aprofundada como o parentesco funciona enquanto base conceitual para as interações humanas, revelando sua importância na organização e gestão das dinâmicas sociais em diferentes culturas e contextos.

Constitui seu campo de interesses, portanto, o parentesco, a família e o matrimônio nas sociedades humanas, estudando desde as relações de consanguinidade e afinidade nas suas diversas variantes, até as estruturas do parentesco. Estudando as condutas sociais, não só a permissividade está sob enfoque desta antropologia, como as proibições matrimoniais e outros interditos dados desde os códigos morais de conduta social - as leis tradicionais ou consuetudinárias, verificadas em sociedades simples - , até as leis escritas, de caráter burocrático e racionalizado, mais caras às sociedades complexas.

Nesse aspecto, a definição do interdito ao incesto e as suas polêmicas, em que o matrimônio na mesma família assegurava a concentração de poder na mesma dinastia, sendo comum não só o casamento entre primos, bem como entre irmãos. Também os interditos mágico – religiosos, que fundamentam os princípios esotéricos e teológicos, não só para a validade do matrimônio, mas também para a escolha, por vezes, do próprio cônjuge.

É importante destacar que a família é um termo que, na antropologia, não possui um conceito fixo, sendo mais apropriado abordá-la como uma noção dinâmica. Isso se explica pelo fato de a família ser uma instituição cultural que se transforma ao longo do tempo e conforme o contexto geográfico.

O objetivo desta pesquisa, contudo, não é compreender ou tecer teorias sobre a família ou suas novas configurações. Ao utilizarmos a categoria família, conforme definida por conceitos clássicos, buscamos, por meio do trabalho de campo, observar os papéis sociais desempenhados no grupo familiar. Então, objetivamos a constituição de uma família convencional – um pai, uma mãe e filhos. Os laços familiares, neste contexto, são definidos como conexões de natureza afetiva, emocional e, em alguns casos, jurídica ou consanguínea, que promovem a coesão entre os membros do núcleo familiar, gerando um

senso de pertencimento e segurança. Além disso, foram analisados os vínculos religiosos cultivados pelo grupo familiar, que se caracteriza como praticante de uma vertente específica conhecida como "Umbanda Familiar".

Ao trazer a categoria de Ritual, tal como desenvolvida por Victor Turner, buscamos analisar as condições de liminaridade, estrutura e "antiestrutura social". Esses momentos transgressores da ordem social estabelecida destacam-se pelo seu potencial de transformar a estrutura social, partindo justamente dessas ocasiões em que a própria estrutura é negada.

Para Richard Schechner (2012), o ritual ultrapassa os limites da vida cotidiana. Embora seja normativamente incorporado às práticas diárias de diferentes grupos sociais, o próprio ritual transcende as fronteiras que delimitam a rotina do dia a dia.

Visando alcançar os objetivos a que este estudo antropológico se propõe, foi realizado um trabalho de campo a partir da observação participante, em um estudo qualitativo, realizado junto a famílias praticantes de religiosidade da umbanda, que praticam seus ritos em suas residências domiciliar, junto com suas famílias, afim de compreender o dinamismo apresentado por Vitor Turner e Richard Schechner no conceito de ritual.

1 – REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de família como fato cultural, a partir da visão de Mauss e Levi-Strauss, pressupõe a existência prévia de dois grupos que se casam fora de seu próprio grupo. Família não é um mero aglomerado de indivíduos soltos e desvinculados entre si. Isso significa o reconhecimento de que o parentesco envolve relações além da relação de consanguinidade.

Sendo uma família um sistema organizado, um núcleo básico da sociedade, isso significa que é um coletivo no qual existem normas, valores e padrões de comportamento e também hierarquias e papéis familiares que dão um lugar específico para cada um dos membros que a compõem e espera-se que cada um aja de acordo com esse papel estabelecido dentro desse núcleo.

FONSECA(2010) escreve:

“[...] Falar de família é evocar um conjunto de valores que dota os indivíduos de uma identidade e a vida de um sentido. Além dessa função simbólica, a noção de família -- ligada à organização da vida cotidiana -- ainda desempenha um papel pragmático na formulação de políticas públicas[...].”

A autora também esclarece que na melhor das hipóteses, dinâmicas alternativas em grupos populares seriam vistas como uma adaptação funcional à pobreza – “estratégias de sobrevivência”. Embora essa última noção aponte para aspectos importantes da realidade, arrisca ser usada de forma simplista, reduzindo tudo que é específico a uma questão econômica – como se “pobres” tivessem “estratégia de sobrevivência” em vez de cultura.

FONSECA(1994) em seu filme “Ciranda, cirandinha” nas palavras dos depoentes, demonstra como as relações de afeto determinam a construção social de “mãe”, na visão das crianças. Também demonstra como a necessidade de “trabalhar”, obriga mães a deixarem seus filhos com “outras famílias” que acabam estabelecendo vínculos de parentescos incluindo a “mãe biológica” em uma relação de afeto e reciprocidade. E assim, a “a mãe de leite”, a “mãe de criação” e a “mãe de ganho” são construídas a partir dessa relação de afeto com a criança.

1,1 - Morgam e a família

Morgan mereceria o reconhecimento de ter sido o criador do objeto “sistema de

parentesco”, de ter criado um método para estudá-lo, e de ter realizado um esforço de pesquisa comparativa sem igual até os dias de hoje. Lewis Morgan foi ainda um pioneiro na pesquisa de sistemas políticos, da arquitetura e da comensalidade de indígenas ameríndios.

Morgan em sociedade antiga :

“[...] os diversos estágios do progresso da família humana estão razoavelmente preservados. Eles são vistos na organização da sociedade com base no sexo, depois com base no parentesco e, finalmente, com base no território; através das sucessivas formas de casamento e de família, com os sistemas de consanguinidade assim criados; através da vida familiar e de sua arquitetura, e através do progresso nos usos relativos à propriedade e à transmissão da mesma por herança.[...]”

Morgan (1877), desenvolveu com plena nitidez o que, conjeturava-se de modo vago: na época em que dominava o matrimônio por grupos, a tribo dividiu-se num certo número de grupos, de *gens* consanguíneos por linha materna, entre as quais era expressamente proibido o matrimônio, os homens de uma *gens* conseguisse suas mulheres dentro de própria tribo.

Nessa *GENS*, organizada de acordo com o direito materno, descobriu a forma primitiva de que saiu a *GENS* ulterior, baseada no direito paterno, como a que encontramos entre os povos civilizados da antiguidade. A *gens* grega e romana, que tinha sido, até então, um enigma para os historiadores, foi finalmente explicitada, tomando-se como ponto de partida a *gens* indígena.

A descoberta da primitiva *GENS* de direito materno, como etapa anterior à *GENS* de direito paterno dos povos civilizados, tem, para a história primitiva, a mesma importância que a teoria da evolução de Darwin para a biologia e a teoria da mais-valia, enunciada por Marx, para a economia política.

Essa descoberta permitiu a Morgan esboçar, pela primeira vez, uma história da família, onde pelo menos as fases clássicas da sua evolução, em linhas gerais, são provisoriamente estabelecidas, tanto quanto o permitem os dados atuais. Em torno da *GENS* de direito materno, gravita, hoje, toda essa ciência; a partir da sua descoberta, sabe-se em que direção encaminhar as pesquisas e o que estudar, assim como de que modo devem ser classificados os resultados. Por isso, fazem-se atualmente, nesse terreno, progressos muito mais rápidos do que antes de aparecer o livro de Morgan.

Segundo Morgan, deste estado primitivo de promiscuidade, provavelmente bem cedo, formaram-se:

1.1.1 – A família consanguínea

A primeira etapa da família. Nela, os grupos conjugais classificam-se por gerações: todos os avôs e avós, nos limites da família, são maridos e mulheres entres si; o mesmo sucede com seus filhos.

Nesta forma de família, os ascendentes e descendentes, os pais e os filhos, são os únicos que, reciprocamente, estão excluídos dos direitos e deveres (poderíamos dizer) do matrimônio. Irmãos e irmãs, primos e primas, em primeiro, segundo e restantes graus, são todos, entre si, irmãos e irmãs, e por isso mesmo maridos e mulheres uns dos outros.

O vínculo de irmão e irmã pressupõe, por si, nesse período, a relação carnal mútua.

A família consanguínea desapareceu. Mas o que nos obriga a reconhecer que ela *deve* ter existido é o sistema de parentesco havaiano.

1.1.2 – A família punaluana

Se o primeiro progresso na organização da família consiste em excluir os pais e filhos das relações sexuais recíprocas, o segundo foi a exclusão dos irmãos. Foi ocorrendo pouco a pouco, provavelmente começando pela exclusão dos irmãos uterinos (isto é, irmãos por parte da mãe), a princípio em casos isolados e depois, gradativamente, como regra geral e acabando pela proibição do matrimônio até entre irmãos colaterais.

Segundo Morgan, esse progresso constitui “uma magnífica ilustração de como atua o princípio da seleção natural”. Sem dúvida, nas tribos onde este progresso limitou a reprodução consanguínea, deve ter havido um progresso mais rápido e mais completo que naquelas onde o matrimônio entre irmãos e irmãs continuou a ser uma regra e uma obrigação. A gens formou a base da ordem social da maioria, senão da totalidade, dos povos bárbaros do mundo, e dela passamos, na Grécia e em Roma, sem transições, à civilização.

1.1.3 – A família sindiásmica

No regime de matrimônio por grupos, já se formavam uniões por pares, de duração mais ou menos longa; o homem tinha uma mulher principal entre suas numerosas esposas, e era para ela o esposo principal entre todos os outros.

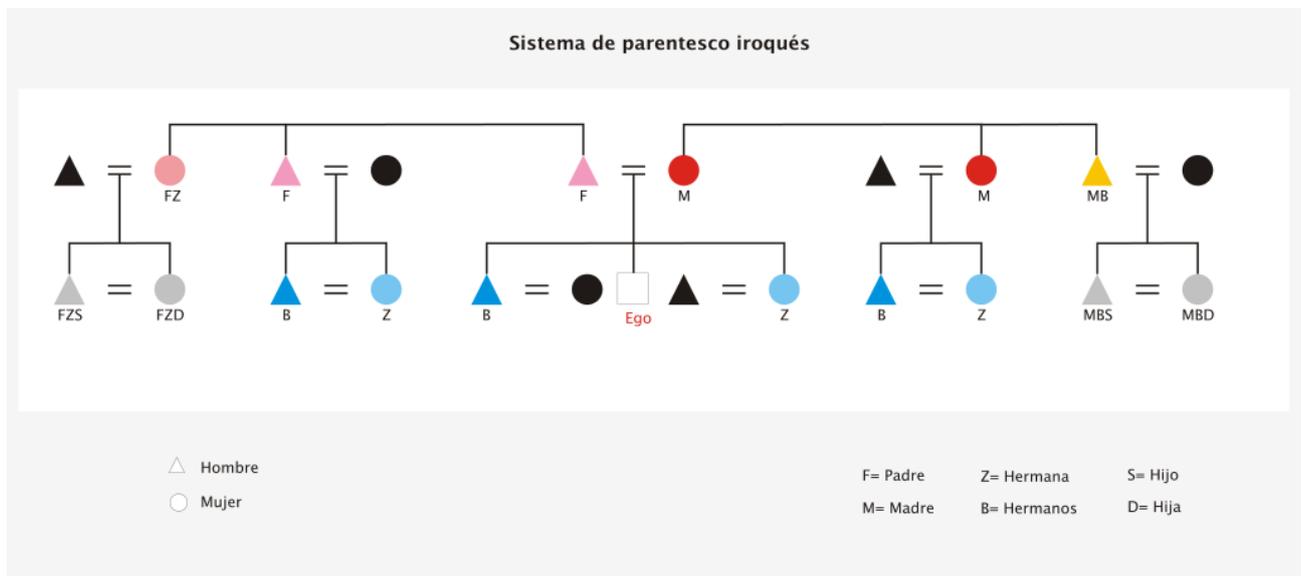
Neste estágio, um homem vive com uma mulher, mas de maneira tal que a poligamia e a infidelidade ocasional continuam a ser um direito dos homens, e exige-se a mais rigorosa fidelidade das mulheres, enquanto dure a vida em comum. Os filhos continuam a pertencer exclusivamente à mãe.

A exclusão progressiva, primeiro dos parentes próximos, depois dos parentes distantes e, por fim até das pessoas vinculadas apenas por aliança, torna impossível na prática qualquer matrimônio por grupos; como último capítulo, não fica senão o casal, unido por vínculos ainda frágeis. Isso prova quão pouco tem a ver a origem da monogamia com o amor sexual individual, na atual acepção da palavra. Prova-o ainda melhor a prática de todos os povos que se acham nesta fase de seu desenvolvimento.

1.1.4 – A família monogâmica

Baseia-se no predomínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; e exige-se, essa paternidade, indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai.

A família monogâmica diferencia-se do matrimônio sindiásmico por uma solidez muito maior dos laços conjugais, que já não podem ser rompidos por vontade de qualquer das partes. Agora, como regra, só o homem pode rompê-los e repudiar sua mulher. Ao homem, igualmente, se concede o direito à infidelidade conjugal, sancionado ao menos pelo costume. Quando a mulher, por acaso, recorda as antigas práticas sexuais e intenta renová-las, é castigada mais rigorosamente do que em qualquer outra época anterior.



Os irmãos do pai, também serão chamados de pai. As irmãs da mãe serão chamadas de mãe. Os filhos deles serão chamados de irmãos.

Por outro lado, o irmão da mãe é designado com o mesmo termo que o marido da irmã da mãe e a irmã do pai, com o mesmo termo que a esposa do irmão do pai.

1.2 - Radcliffe-Brown conceitos básicos

A instituição estudada por Radcliffe-Brown é o sistema de parentesco e

casamento. Esses sistemas se baseavam no reconhecimento de certas relações biológicas para fins sociais. Os sistemas incluíam a terminologia de parentesco; as redes de relações entre parentes; o conjunto de direitos, deveres e usos associados a determinados papéis de parentesco; e as crenças e práticas rituais associadas ao parentesco, incluindo, por exemplo, as crenças sobre procriação ou a veneração de ancestrais.

Radcliffe-Brown concentrou-se em dois aspectos do sistema de parentesco:

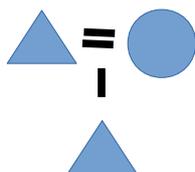
- (1) Os usos que governam as relações entre parentes.
- (2) Os termos usados para se dirigir a parentes ou fazer-lhes referência.

A terminologia de parentesco tinha certa prioridade tanto em lógica como no que se refere ao método. Isso era porque a relação social concreta entre uma pessoa e seu parente, tal como definida por direitos e deveres ou atitudes e modos de comportamento socialmente aprovados é fixada, por conseguinte, em maior ou menor grau, pela categoria a que esse parente pertence.

Radcliffe-Brown retoma algumas questões clássicas tais como a relação entre terminologia de parentesco e conduta social, e a distinção entre sistemas descritivos e classificatórios.

A função do casamento, assim como da exogamia, é interpretada por Radcliffe-Brown em termos de integração social.

O átomo de parentesco é a unidade mais elementar do parentesco. Radcliffe-Brown (1982), dizia que a unidade elementar era:



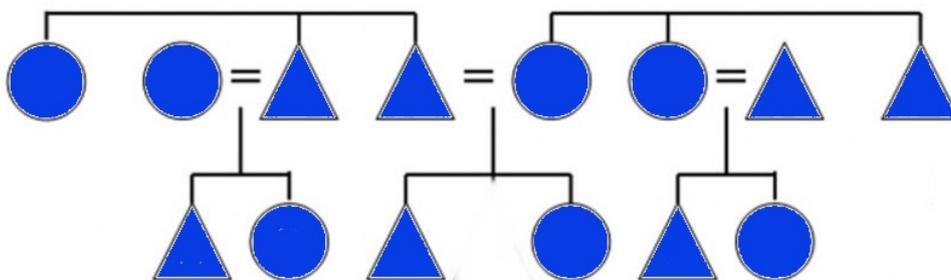
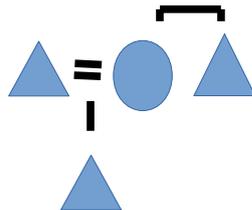
Há o homem, a mulher e a relação de casamento; e o filho, a relação de descendência. Esta é a unidade básica do parentesco que coincide com a unidade biológica, pai, mãe e filho.

1.3 – Levi-Strauss e o olhar sobre a família

A unidade elementar que envolve as relações que constituem os sistemas de parentesco, na formulação de Lévi-Strauss, não é um sistema triangular de relações, mas entre marido e mulher, pai e filho, irmão e irmã e tio materno e sobrinho. E assim, as relações que constituem o “átomo do parentesco”, pressupõe a existência prévia de dois

grupos, um que recebeu e outro que deu a mulher em casamento.

Para Lévi-Strauss (1967), a constituição da família como fato cultural pressupõe a existência prévia de dois grupos que se casam fora de seu próprio grupo. Isso significa o reconhecimento de que o parentesco envolve relações além da relação de consanguinidade, ou seja, relações de aliança também, de afinidade. Assim, rompe-se com a ideia do caráter natural da família. A família não provém da unidade biológica, da mera reprodução. Constitui uma aliança de grupos.



Da Matta (1983, p. 28) escreveu: “[...] Mas o ponto básico, implícito da demonstração de Lévi-Strauss é que o nosso pensamento sobre a família (e o parentesco) como uma unidade individualizada e autossuficiente é etnocêntrico” [...]”.

Devemos a Lévi-Strauss esse olhar sobre a família, em uma perspectiva que nos permite vê-la para além de suas fronteiras biológicas e para a desnaturalização da família.

Sendo uma família um sistema organizado, um núcleo básico da sociedade, isso significa que é um coletivo no qual existem normas, valores e padrões de comportamento e também hierarquias e papéis familiares que dão um lugar específico para cada um dos membros que a compõem e espera-se que cada um aja de acordo com esse papel estabelecido dentro desse núcleo.

E assim neste contexto, iremos chamar de família social esse sistema organizado baseado em Lévi-Strauss e de família religiosa aquela que se forma a partir da realização de um ritual religioso.

1.4 - O Ritual de Victor Turner e Performance de Richard Schechner

Turner ressalta que “Morgan, ainda que tivesse registrado fielmente muitas cerimônias religiosas, tinha acentuada aversão a dar ao estudo da religião a mesma penetrante atenção que devotou ao parentesco e à política.” (TURNER, 1974, p. 13).

Turner caracterizando os períodos conflituosos que emergem nas sociedades como “dramas”, diz que a vida social estaria sujeita a um processo dialético entre estrutura e antiestrutura, onde a estrutura instituiria um estado de antiestrutura que por sua vez acabaria por desencadear o processo de revitalização da estrutura.

Turner define como “antiestrutura social” os instantes transgressores da ordem social estabelecida e caracterizam-se por seu potencial de remodelar a estrutura social a partir destes instantes de negação da própria estrutura.

A liminaridade, por sua vez, seria um estado “ambíguo” e “indeterminado” em que os indivíduos escapam às classificações que determinam estados e posições num ambiente cultural.

Turner escreve que os indivíduos – como seres liminares – “não possuem ‘status’, propriedade, insígnias, roupa mundana indicativa de classe ou papel social, posição em um sistema de parentesco.

Na “liminaridade”, ocupando um lugar nas “margens” da sociedade, os atores sociais caracterizam-se como uma “lousa em branco”, na qual aspectos pertinentes ao novo “status”, ao novo grupo, à nova situação se inscrevem e se reafirmam.

Essa condição de liminaridade observada nos cultos de umbanda familiar, fica expressa pelo uso das roupas brancas, iguais para todos, pés descalços, uma atitude de contemplação em silêncio, e a individualidade, de cada membro, fica expressa pelo uso dos colares ou guias, com as cores dos seus mentores ou guias espirituais.

Este sentimento de integração e igualdade é definido por Turner com o termo extraído do latim *communitas*, que, como ele define: “Prefiro a palavra latina *communitas* à comunidade, para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma ‘área de vida em comum’.” (TURNER, 1974, p.119).

Estas, liminaridade e *communitas*, são dois importantes conceitos estudados por Turner quando desenvolve seu famoso modelo de drama ritual e em seus estudos acerca da performance.

Turner define que o ritual se realiza em um momento que é liminar. Em poucas palavras:

[...] Os atributos de liminaridade, ou de personas (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais. (TURNER, 1974, p.117)[...]

Schechner (2012, p. 49) traz brevemente a questão de que o comportamento ritual humano está ligado a uma manutenção da memória coletiva e individual dos membros de um grupo. Ele ressalta que “Rituais são memórias em ação, codificadas em ações”. Quando Schechner define ritual como “memórias em ação” ele traz as implicações de uma memória viva, ou seja, que não está somente nas lembranças ou no plano das ideias, mas está no corpo, nos objetos e nos símbolos ou códigos utilizados ao longo do ato ritual.

O ritual, para Schechner, transgredir a vida comum, cotidiana. Ainda que estabelecido normativamente dentro das práticas cotidianas de diversos grupos sociais, o ritual em si vai além dos limites estabelecidos para a vida diária.

Segundo Schechner: “A deslocação da performance estética para o ritual acontece quando uma audiência de indivíduos é transformada numa comunidade”.

Assim, por performance entenderemos a ação estruturada e plenamente motivada de um ou vários indivíduos, executada num espaço e tempo definidos, com um carácter extra-cotidiano e orientada, para obtenção de um resultado por parte dos participantes ou de outros indivíduos presentes no mesmo espaço e tempo.

2 - FAMÍLIA SOCIAL X FAMÍLIA RELIGIOSA

A questão do parentesco vem sendo discutida por vários pesquisadores, que segundo estes, os sistemas primitivos de parentesco tem sido uma forma de organização social das sociedades. O parentesco é universal no sentido de que não existe uma sociedade desprovida de um sistema de parentesco, uma vez que cada sociedade define quem é parente e o grau de parentesco que cada indivíduo desempenha.

O parentesco na vida social confere ao indivíduo sua identidade social em um grupo, de forma que este seja reconhecido pelos demais membros, como pertencente ao a este grupo.

Os sistemas de parentesco são considerados como estruturas formais, resultantes da combinação de três tipos de relações:

- a) a relação de descendência, a relação entre pai e filho e mãe e filho;
- b) a relação de consangüinidade, a relação entre irmãos ;
- c) a relação de afinidade ou seja, que se dá através do casamento, pela aliança.

Essas relações são básicas e o estudo do parentesco consiste no estudo de suas combinações. Qualquer sociedade forma-se pela combinação dessas três relações. A variabilidade está em como se faz essa combinação.

Devemos considerar que, o parentesco não é a mesma coisa que a família. O parentesco e a família tratam dos fatos básicos: nascimento, acasalamento e morte. A família é um grupo social concreto e parentesco é uma estrutura formal. Isto quer dizer que o estudo do parentesco e o estudo da família são coisas diferentes: o estudo da família é o estudo daquele grupo social concreto e o estudo do parentesco é o estudo dessa estrutura formal, abstratamente constituída, que permeia esse grupo social concreto, mas que vai além dele.

Cumpramos ressaltar que família é palavra que não oferece um conceito fechado na antropologia, mas que pode ser estudada como uma noção dinâmica, visto que é uma instituição cultural e, por isso, modifica-se geográfica e historicamente.

Para SATRI (1992, p.72) :

“[...] Pode-se dizer que se para a Antropologia existisse um grupo natural, este grupo seria a mãe e seus filhos, não a mãe, o pai e seus filhos. Porque o pai, a paternidade, é uma figura social, é uma figura construída socialmente pelo casamento. Para a Antropologia, o casamento está dissociado da satisfação das necessidades sexuais também. O casamento existe para legitimar a prole, os filhos, para dizer qual é o lugar que aquele filho ocupa, qual é a posição da criança que vai nascer. O casamento existe

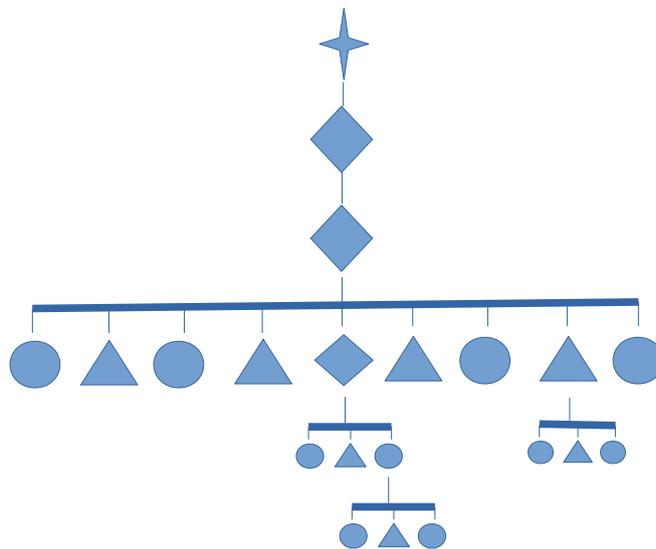
para legitimar a relação com os filhos e não para legitimar as relações do homem com a mulher e as relações sexuais [..].”

E assim neste contexto, iremos chamar de família social esse sistema organizado baseado em Levi-Strauss e de família religiosa aquela que se forma a partir da realização de um ritual religioso.

2.1 – Família Africanista no Brasil

Em uma família religiosa africanista, em suas diversas vertentes, seja candomblé, batuque, tambor de São João, Angola, etc, o noviço é aceito como membro, após passar pelo ritual da iniciação. A mudança dessa condição e desse “status familiar” fica clara, quando o “yao” muda seu nome civil, e assume uma nova “persona”, em conformidade com o santo a que foi iniciado. Portanto, fica claro que, essa “família religiosa” é real e concreta, e estabelece papéis e funções aos seus membros. Essas relações tornam-se permanentes, por força do ritual de iniciação. O ordenamento jurídico brasileiro, já reconhece alguns direitos dessa família, inclusive de receber os rituais fúnebres em nome dessa família.

E dentro desse sistema de família encontramos o avô ou a avó, o pai ou a mãe, irmãos, irmãs, tios, tias, filhos, filhas, sobrinhos, sobrinhas, netos, netas, afilhados e afilhadas... Ou de uma linhagem patrilinear ou de uma linhagem matrilinear.



A relação direta de pai ou mãe com seus filhos, é chamado de “bacia”. A relação dos netos com os avós é chamado de “raiz”. E a relação com os demais parentes, antes dos avós é chamado de “ancestralidade”. E todas as relações de parentesco no grupo

será chamado de “nação”.

Nas religiões africanistas, é muito importante a ancestralidade, pois toda casa de matriz africana teve início através do Asé transmitido, só quem recebeu o Asé é que pode transmiti-lo. Quando se menciona uma pessoa do culto afro, a primeira coisa que perguntam é: *ele é filho de quem?*

Mas como ocorrem e como ficam essas relações, quando o ritual é de umbanda, é temporário e realizado dentro de uma família social?

SCHECHNER (2012) escreve:

“[...] Em suas manifestações humanas, o ritual pode ser entendido como secular ou sagrado, mas apresenta--se sempre de maneira transgressora da realidade cotidiana e como manifestação da memória individual e/ou coletiva. O momento liminar do ritual constitui-se em um transporte e apresenta um potencial de transformação dos indivíduos envolvidos, este potencial é representado pelo atributo do “não eu” e “não não eu”[...]”.

3 – ETNOGRAFANDO A FAMÍLIA UMBANDISTA

É amplamente reconhecido que a difusão da doutrina umbandista está intrinsecamente associada à figura do médium Zélio de Moraes. Por meio de seu guia espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas — denominação atribuída pela própria entidade à época —, a Umbanda consolidou-se e alcançou notoriedade no contexto religioso. Mais tarde, por volta de 1930, com a associação do termo "macumba", surge a denominação Umbanda, utilizada para englobar as duas principais vertentes práticas de sua formação. Esse processo foi impulsionado pela Federação Espírita Brasileira, como parte de um movimento estratégico para legitimar a Umbanda como uma religião. Apesar do preconceito e da forte hostilidade enfrentada, pouco se discute sobre os desafios vivenciados por Zélio de Moraes e sua família, conforme registram jornais da época, ao transformarem sua casa e sala em um espaço dedicado à prática religiosa, dando origem ao que viria a ser conhecido como Umbanda.

Para evitar o preconceito e as hostilidades, diversas famílias de origem popular seguem o exemplo de Zélio, estabelecendo em suas próprias residências uma forma de culto que, até os dias atuais, é chamada de Umbanda Familiar. Essa umbanda praticada consistia em reunir membros da família e pequenos grupo de amigos, muito próximos, para realizarem o seus cultos. E assim a umbanda através desse caráter subversivo, constitui-se uma prática religiosa brasileira.

Ao realizar a etnografia de um grupo familiar no contexto social, torna-se mais simples compreender o status atribuído a cada membro antes, durante e após a realização de um ritual. Turner aponta que os indivíduos, quando se encontram em condição liminar, ficam desprovidos de status, bens materiais, insígnias ou trajes que sinalizem sua classe social, função ou posição dentro de um sistema de parentesco.

3.1 - Na residência da família Pinho e da família Colares

Na noite e horário marcados, lá estávamos na residência do senhor J.P. - a pedido de nosso interlocutor, para que se mantivesse seu anonimato. Rapidamente, fomos atendidos e conduzidos por um jovem de roupas brancas, até a sala da residência onde nosso interlocutor nos aguardava sentado em sua poltrona.

Havia um certo clima de ansiedade na sala, que aumentou com nossa chegada, enquanto alguns membros da família preparavam o local, e a arrumação dos móveis para

o ritual de umbanda.

Sempre sorridente e amável, nosso interlocutor convida-nos a sentar a mesa de jantar da casa, que já estava colocada em um canto da sala, enquanto sua velha poltrona era ajeitada em outro canto.

O senhor J.P. era um antigo cacique de umbanda, que aos seu 78 anos de idade, preferiu afastar-se dos compromissos em templos religiosos, e retornou a sua primeira prática, a “sua raiz”, como o definiu. Já preparou muito amaci e muito cacique, agora voltou-se para a família, segundo ele. Está preparando os filhos e netos garantindo assim a 4º geração, de sua família.

-” Sou do tempo em que, quando se fazia algo errado e não se andava direito, entrava no “pau, na linha dos caboclos.” - Sorria com os “olhos”, contando-nos algumas aventuras e histórias que presenciou.

Enquanto conversávamos, os preparativos do local era acelerado. Uma pilha, cuidadosa de móveis fora feito em um canto da sala, e objetos ritualísticos eram arrumados delicadamente sobre uma pequena mesa, de frente para a porta principal da casa, do lado oposto da sala. Uma jovem de aproximadamente 15 anos, neta de J.P.. aproxima-se da mesa trazendo chá, algumas bolachas e dois comprimidos, e o serve delicadamente.

-” Coisas da idade...” - falou o nosso interlocutor, antes de levar os dois comprimidos a boca.

-” Já vamos começar, pai!” - Chamava a atenção a filha de J.P., mãe da jovem que servira o chá, a poucos instantes.

-” Ela foi a primeira, da minha família que preparei. Ai resolveu ter ataque de “chilique”, não queria mais saber da coisa... Me irritei e preparei meu neto. Agora é ele quem “caciqueia” a terreira.” - Falou-nos, nosso interlocutor, enquanto levantava-se da mesa, amparado por sua filha. Em seguida, a mesa e as cadeiras foram retiradas e colocadas naquela estranha e arrumada pilha de móveis, para que tivessem mais espaço na sala.

Um jovem de seus 20 anos, o neto de J.P., toma a frente do pequeno altar montado e silenciosamente os demais membros da família, formam um semicírculo em torno do altar. J.P. coloca-se logo atrás de seu neto. Contamos umas doze pessoas no círculo e três adultos fora da roda, além de nós que observávamos, e as crianças, que estavam em um dos quartos, sobre a vigilância de um mais velho.

-” Agora pro ano que vem, tô pensando em usar a garagem... Tem mais espaço pra

gente trabalhar.” - Gabava-se o nosso interlocutor, todo sorridente, passando os olhos pela sala e pelo grupo ali reunido. Parecia estar feliz, por ver todos ali apertados, em um espaço limitado.

Um pequeno defumador começa a circular pelos membros e pela casa, incluindo a nós que lá estávamos para observar.

-” Quem tá na chuva, tá pra se molhar...” - Falou-nos o velho cacique, enquanto eramos “defumados” e o resto do grupo sorria... Não sei se era de felicidade ou a caçoarem de nós observadores.

Após a defumação do local, um silêncio toma conta da sala, enquanto o jovem cacique respirava profundamente e tentava entrar no transe mediúnico. O silêncio é quebrado, com alguém do grupo, murmurando ao que parecia ser um antigo cântico, ao que foi imitado pelo restante do grupo.

O cheiro do benjoim e da alfazema queimados no defumador, ainda estava no ar e o perfume de um tablete de incenso que queimava em uma tigela pequena começava a se fazer sentir no ambiente. A chama da vela acesa no pequeno altar, parecia parar. Não havia dúvidas do que estava acontecendo.

O murmúrio inicial, começa a tomar corpo e seguidos de palmas cadenciadas, fazem os adultos correrem ao quarto, para pedirem silêncio as crianças.

Nesse momento, já era possível compreender o cântico, que agora já era alto e claro, cantado pelo grupo. Era um antigo ponto de umbanda chamando os caboclos das matas.

Após dar um passo para trás e amparado por J.P., o neto inicia seu giro incorporativo, enquanto o cântico se torna mais forte e as palmas mais aceleradas. Um grito forte ecoou pela sala, fazendo-nos sobressaltar. Era o caboclo guia da casa que se manifestava no neto de seu J.P. Seu “Ubirajara do peito de aço” estava no mundo.

Após as saudações ao gongá e aos presentes, o guia volta-se a J.P. e iniciaram um diálogo, talvez, para muitos, um pouco incomum. A conversa era alta e em bom tom. J.P. pedia a proteção para a família e caminhos de saúde e prosperidade a todos, e em especial ao “aparelho” ou “cavalo” do guia, ao qual o caboclo respondia a todas as indagações e pedidos do antigo cacique. Pode parecer estranho, mas J.P. chamava o “neto incorporado” de PAI, e era chamado de “FILHO”.

Iniciou-se o ritual de “passe” a todos os membros da corrente (semicírculo), e depois o passe da assistência, que era formada por nós que fazíamos a observação, três membros da família que cuidavam as crianças, e finalmente as crianças.

Todos a cada momento corriam, para atender os pedidos do guia durante os atendimentos, inclusive J.P.. E assim, o guia tentava resolver problemas de saúde, de emprego, dinheiro, apaziguar demandas... Durante todo o tempo em que o caboclo esteve no mundo a relação de PAI e FILHO, era observada e anotada.

Dois momento tornaram-se evidentes para nós, e para nossa observação: J.P. e o caboclo (neto incorporado), e da filha mais velha de J.P., com o guia. O AVÔ vira FILHO, a MÃE vira FILHA e o NETO incorporado vira PAI de todos. Assim, J.P. torna-se IRMÃO de sua FILHA e IRMÃO de sua ESPOSA. Não era possível perceber a qual família ou grupo, pertenciam. Os dois grupos familiares (a de J.P. e a de sua esposa) tornaram-se uma única família ou grupo.

Em determinado momento, o caboclo (pai), passa a ensinar banhos a base de ervas, para diversos fins aos seus filhos – inclusive a nós observadores, que a essa altura do ritual, já fazíamos parte daquela família ou daquele grupo.

“Cambonear” o caboclo, cuidar das crianças, atender aos pedidos do guia, eram tarefas compartilhadas por todos, tal qual a neta mais nova de J.P. o fazia antes de começar o culto, ao servi-lhe chá e bolacha com carinho, respeito e cordialidade.

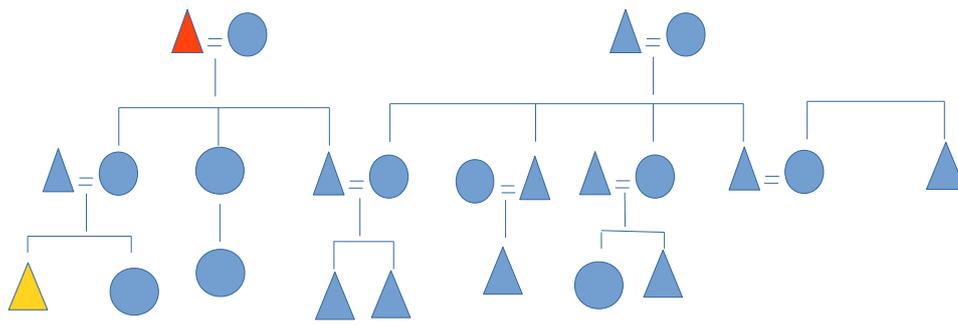
Quase ao final do culto, podemos observar J.P., sentado em banquinho branco, ao lado do congá, com um lindo sorriso na face. Parecia um “preto velho de umbanda”, que já havia tomado conta de seu “cavalo” ou de seu “aparelho”, ou que sabe, era apenas J.P. lembrando de mais uma de suas histórias que teria pra contar aos mais jovens de sua família. Ao certo é que, ao perguntarmos a ele sobre esse momento, ao final dos trabalhos, apenas sorriu, abraçou-nos e fora deitar-se para que pudéssemos conversar com os membros de “sua família”, antes que alguém fosse embora, enquanto os móveis retomavam seus lugares anteriores.

Podemos perceber, a volta a família social, onde o neto voltou a ser neto, a mãe voltou a ser mãe, e o filho, voltou a ser filho.

Ainda permanecemos ali na residência, aguardando o retorno do neto que havia saído junto com um primo e um tio, para “ Descarregarem” o material usado pelo caboclo.

3.1.1 – Parentesco Família Pinho e Colares

A) Família social



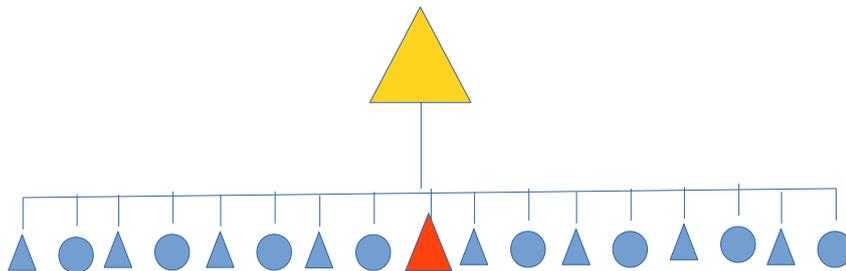
▲ Homem

▲ J.P.

● Mulher

▲ Neto

B) Família religiosa



III - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa família religiosa torna-se real e concreta, mesmo que temporária, e estabelecem relações e funções, que se tornam evidentes, mesmo após o seu encerramento. Reafirma valores familiares e sociais entre os grupos.

Turner escreve que os indivíduos – como seres liminares – “não possuem ‘status’, propriedade, insígnias, roupa mundana indicativa de classe ou papel social, posição em um sistema de parentesco.

Essa condição de liminaridade observada nos cultos de umbanda familiar, fica expressa pelo uso das roupas brancas, iguais para todos, pés descalços, uma atitude de contemplação em silêncio, e a individualidade, de cada membro, fica expressa pelo uso dos colares ou guias, com as cores dos seus mentores ou guias espirituais.

Turner define que o ritual se realiza em um momento que é liminar.

Durante a prática desse ritual de umbanda, observa-se como a dinâmica do grupo familiar e seus papéis sociais, alteram-se. Essa transição simbólica do “status familiar” deixa pouco espaço para uma subversão espontânea, pois todos assumem papéis de fácil reconhecimento, transitando do individual para o coletivo.

O local a onde costuma-se praticar o ritual, em dias comuns, reuni a família para receber os amigos e/ou assistir a novela, filmes, etc. A sala da casa torna-se um local sagrado. A mesa da sala, que costuma receber a família para as refeições diária ou um simples balcão, torna-se o “peji”. O que antes costumava receber pratos e talheres, agora recebe as imagens dos santos devotados, que normalmente ficam na estante.

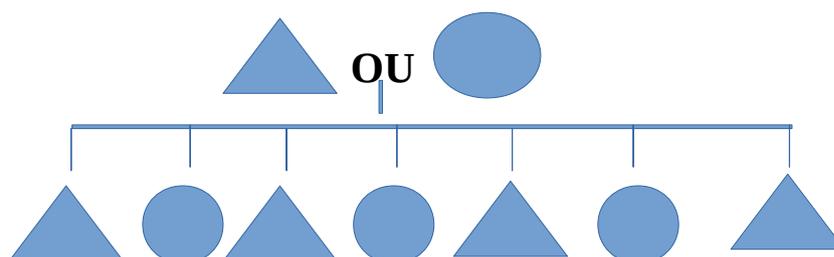
Quando observamos as ações da família religiosa, percebemos que não há uma unidade elementar, segundo a perspectiva do estudo de Radcliffe-Brown. Também se observa tal fenômeno nas casas de matrizes africanas, onde o babá e/ou a yabá, exercem o controle sobre os filhos da casa.

Os dois grupos formadores da família social segundo Levi-Strauss, fundem-se em apenas um grupo para constituir a família religiosa.

Essa relação de parentesco - descendência, consanguinidade ou afinidade - para a constituição dessa família, deve ser compreendida como estabelecida em relação ao asé dos Africanistas, as relações de nhe'ẽ dos Guaranis ou das essências de outras etnias.

Quem dá o asé ? Os pais!

Quem recebe o asé ? Os filhos!



Observou-se que os guias espirituais do terreiro interpretam-se como “pais” e ancestrais e os demais integrantes da comunidade como seus “filhos”. Os últimos são entendidos como crianças a serem cuidadas e como antepassados ao mesmo tempo potencialmente cuidadores uma vez que essas posições se alternam na cadeia geracional.

Os papéis sociais na família religiosa, passam a ser :

- A) irmãos de corrente - a relação entre todos os membros da família;
- B) pais ou mães espirituais – os guias incorporados;
- C) filhos – todos serão em relação aos guias...

Independente da casa onde foram feitas as observações, era possível perceber que esse controle “temporário” de representação da família, tinha a anuência dos mais velhos, no caso, de ambos os idosos dos dois grupos. Mesmo nos locais a onde a mãe ou o pai biológico assumem a função de líderes espirituais, os demais membros compartilham as funções de cambono da casa ou do mentor espiritual, e de todas as atividades relevantes, afinal, todos se tornam irmãos.

As definições de linhagem patrilinear ou matrilinear, ou até mesmo o conceito de papel familiar, deixam de existir, durante a prática familiar de umbanda, e desta forma, podemos assistir um neto – “incorporado”- assumir a liderança do grupo, onde todos passam a serem “filhos”.

Podemos observar, que durante a prática ritualística da umbanda, as relações de parentesco, dentro do grupo, simplesmente alteram-se. O papel biológico de uma mãe acaba diante de seu filho. Ela poderá a ser filha de seu filho (incorporado) ou irmã (de corrente). Até mesmo irmã de seu marido.

Turner define como “antiestrutura social” os instantes transgressores da ordem social estabelecida e caracterizam-se por seu potencial de remodelar a estrutura social a partir destes instantes de negação da própria estrutura.

Podemos observar que essa prática de ritual de umbanda, consiste na execução, no âmbito de um grupo social plenamente participante, e segue uma sequência predeterminada de atos simbólicos, que reproduzem um modelo sagrado e que provocaram transformações nos seus participantes, a nível individual e social.

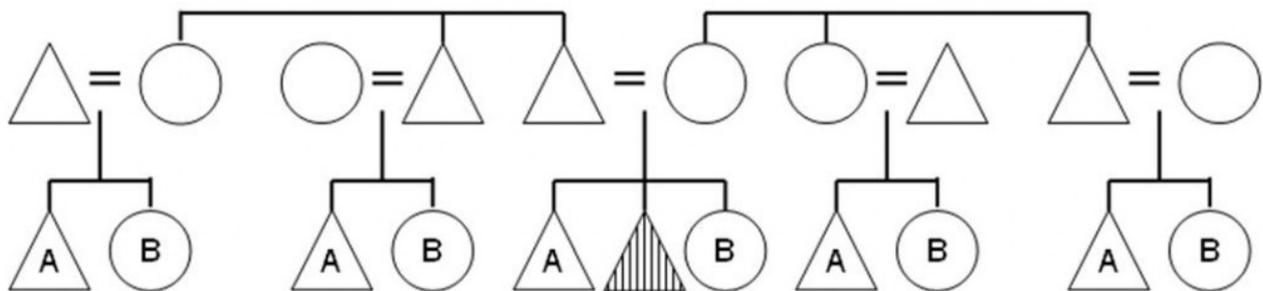
“Os rituais transformam pessoas, permanente ou temporariamente.” (SCHECHNER, 2012). Era evidente a relação carinhosa e afetuosa entre os dois grupos, que constituíam a família, após o final do ritual observado.

Segundo Schechner: “A deslocação da performance estética para o ritual acontece quando uma audiência de indivíduos é transformada numa comunidade”.

Assim, por performance entenderemos a ação estruturada e plenamente motivada de um ou vários indivíduos, executada num espaço e tempo definidos, com um carácter extra-cotidiano e orientada, para obtenção de um resultado por parte dos participantes ou de outros indivíduos presentes no mesmo espaço e tempo.

Permaneceram na residência de nosso interlocutor, senhor J.P., sua esposa, sua filha mais velha, a neta e o neto que havia “cacicado” os trabalhos. Os demais retornaram as suas residências. Pouco antes de nos retirarmos, ainda foi possível ouvir dois primos combinado um churrasco para o final de semana, ocasião do aniversário de um dos anciões da família.

IV - CONCLUSÕES



Os rituais, segundo IMBER-BLACK & ROBERTS (1992), são ritos simbólicos, que auxiliam os indivíduos a fazerem um trabalho de relacionamento, de mudança, de crença e celebração. Partindo dessa estruturação, podemos dizer que os rituais familiares são atividades sociais simbólicas, repetitivas, altamente valorizadas, as quais transmitem os valores duradouros, as atitudes e os objetivos da família.

Na sociedade dita “moderna”, há pouco espaço para as famílias estabelecerem relações sociais. Almoçar, jantar, tomar o café da manhã, ler uma história, conversarem, enfim, situações cotidianas, altamente ritualizadas não existem mais. Nessas famílias sociais e modernas, a satisfação pessoal e atitudes individualizadas substituem as relações sociais de parentesco e familiar.

O que os rituais familiares trazem de tão importante ? Os rituais são altamente simbólicos, não importa se parecem tão comuns. O valor do ritual está justamente na sua inserção em um contexto simbólico, isto é, algo que tenha um significado muito mais profundo do que o simplesmente observável. Os rituais familiares são tão privados a cada grupo familiar porque possuem significados diferentes, dependendo dos contextos diversificados das pessoas.

Quanto às suas funções dentro da família, em primeiro lugar, os rituais permitem estabelecer um senso de estabilidade. Todas as famílias experimentam situações de crise ou estresse, e os rituais têm a capacidade de prover as famílias com estabilidade durante esses períodos.

Os rituais trazem uma identidade familiar. São ocasiões em que os membros da família transmitem valores familiares e crenças, reforçam a herança familiar e reconhecem mudanças na família, além de criar sentimentos de pertencer ao grupo.

V- BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Celso (org.). **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer** Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- LIGIÉRO, Zeca. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- Da Matta, Roberto. 1983. "**Introdução: Repensando E. R. Leach**". In: Da Matta, R. (org.) Edmund R. Leach. São Paulo: Ática, 1983 (Grandes Cientistas Sociais, 38).
- COSTA, Grasielle Aires - **O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações** - Universidade Federal de Goiás – 2015
- FONSECA, Claudia L. **Família, Fofoca e Honra**. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 2000.
- FONSECA, Cláudia. **Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea**. IN: MARTINS, Carlos Benedito e DUARTE, Luiz Fernando Dias. Horizontes Das Ciências Sociais no Brasil- Antropologia. São Paulo : Anpocs, 2010.
- FONSECA, Cláudia. **Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica**. Saúde e Sociedade v.14, n.2, p.50-59, 2005
- IMBER-BLACK, E. & ROBERTS, J. (1989) -**Rituals in families and family therapy**. New York: W W Norton & Company.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Les structures élémentaires de la parente**. Paris, Mouton, 1967.
- VERGER, Pierre -**Noção de Pessoa e Linhagem Familiar entre os lorubás**- Paris – 1971 , Axis Mundi - 2002
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Introdução**. In: Radcliffe-Brown, A. R.; Ford, D., (orgs.) *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*. 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- SARTI , Cynthia Andersen - *Psicologia usp - psicol. Usp v.3 n.1-2 são paulo*, 1992
- SCHNEIDER, David M. **Parentesco Americano: uma exposição cultural**. Petropolis, RJ: Vozes, 2016
- SCHECHNER, Richard.. **O que é performance?** Tradução de R.L. Almeida, publicado sob licença creativa commons, classe3. Abril de 2011. Do original em ingles
- SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduccion, second edition*. New York & London: Routledge, 2002. p. 28-51.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- Documentos eletrônicos**

FONSECA, Claudia L. **Ciranda, cirandinha**, Claudia Fonseca, 27 min., 1994, Br.
<https://www.youtube.com/watch?v=LKOST2Hxp60>